

**MÁRCIA SIQUEIRA TAVERNA**

**VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: CAUSAS E MEDIDAS**

Monografia elaborada como pré-requisito  
de conclusão da disciplina Seminário de  
Monografia, Curso de Educação Física,  
Setor de Ciências Biológicas,  
Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA**

**1995**

Agradeço a todos, que de uma maneira ou de outra, ajudaram-me nestes 4 anos: meu marido, minha filha, meu pai, minha sogra, meu sogro e, em especial, minha mãe que sem o seu apoio, incentivo e orientação não seria possível a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	iv
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	1
1.3 OBJETIVO.....	2
1.3.1 Objetivo Geral.....	2
1.3.2 Objetivo Específico.....	2
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	3
2.1 O QUE É VIOLÊNCIA.....	3
2.2 HISTÓRICO DO FUTEBOL.....	5
2.2.1 Histórico do futebol no Brasil.....	6
2.3 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL.....	8
2.3.1 Violência dos jogadores no futebol.....	10
2.3.2 Violência das torcidas.....	14
2.3.3 Má arbitragem.....	16
2.3.4 Influência dos técnicos de futebol.....	17
2.3.5 Meios de comunicação e a violência no futebol.....	18
2.4 CAUSAS E MEDIDAS DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL.....	20
2.4.1 Jogadores.....	23
2.4.2 Técnicos.....	26
2.4.3 Árbitros.....	28
2.4.4 Torcidas.....	29
<b>3 CONCLUSÃO</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	34

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa tem como principal objetivo fazer um estudo bibliográfico acerca da violência praticada no futebol. Define o termo violência e o estuda no futebol associado à agressão. Apresenta os seguintes tópicos principais: o que é violência; histórico do futebol; violência no futebol; e causas e medidas. Aponta os jogadores, árbitros, técnicos, dirigentes e torcidas organizadas como elementos que fazem parte do contexto da violência no futebol. Estabelece a partir da literatura pertinente as principais causas que levam estes elementos a cometerem atos de violência no campo ou fora dele, bem como as medidas para evitá-los ou, senão atenuá-los. Conclui que a falta de educação esportiva no contexto geral da sociedade, a frustração, o desequilíbrio psicológico, a falta de competência, a vitória, a derrota, a falta de punição dos tribunais esportivos, e a formação profissional; infraestrutura dos estádios e ânsia do poder (status, dinheiro) são os principais fatores causadores da prática da violência no futebol.

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

No mundo todo e também no Brasil, o futebol tem ultimamente ocupado espaço nos meios de comunicação, não pela arte tão particular de um drible que deixa o zagueiro desconcertado, mas pelo lado sombrio do futebol que tem aparecido nos noticiários: a violência das ruas repercutida no gramado. Segundo PEREIRA (1975, p. 15) “a violência está de tal forma integrada no cotidiano que o homem parece não poder prescindir dela [...] estando presente nas mais diferentes manifestações humanas”. Bem como no futebol, pela própria característica desse esporte, onde é quase inevitável o contato direto entre os contentores e o desejo de ganhar a jogada.

Por ser o futebol o esporte mais popular do Brasil, por que não investigar as causas da violência nele apresentadas e as medidas para evitá-las ou senão atenuá-las.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A preocupação da violência no futebol brasileiro é reconhecida mundialmente, também preocupa os professores de Educação Física, dirigentes, técnicos e preparadores físicos, que são os responsáveis pela educação dos atletas.

A má formação educativa dos atletas leva à prática de violência no campo de futebol, sendo mostradas pelos meios de comunicação, levam um exemplo negativo aos telespectadores principalmente às crianças que, segundo SINGER (1975) tendem a imitar os modelos agressivos vistos na tela.

Com o presente trabalho, pretende-se identificar as possíveis causas que levam os atletas à prática de violência no campo de futebol, sendo uma

contribuição aos profissionais e educadores da área esportiva para que busquem novos parâmetros para um futebol sem violência, limpo e belo.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo geral

- Apresentar bibliograficamente um panorama da violência no futebol.

#### 1.3.2 Objetivo específico

- Identificar através de literatura, as possíveis causas da violência no futebol;
- Apresentar medidas para evitar ou minimizar a violência no futebol.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O QUE É VIOLÊNCIA

Todos entendem, aceitam que existe violência no mundo, que ela vem atingindo índices fenomenicamente altos. É indiscutível a necessidade de se arrumar um meio de, senão acabar, mas pelo menos diminuir sua ocorrência na sociedade e conseqüentemente no futebol profissional.

A primeira dificuldade a superar numa análise da violência reside certamente na própria definição do que é violência, que segundo LOURENÇO; LISBOA "muitas são as controvérsias entre cientistas sociais sobre o significado deste termo" (1992, p. 5). Recorrendo ao dicionário encontra-se com definição de violência: "Qualidade de violento; ato violento, ato de violentar; uso da força; coação, constrangimento físico ou moral" (FERREIRA, 1986, p. 1463). Toda esta colocação que o dicionário apresenta chega a definir o termo, mas não consegue atingir o sentido, o alcance que esta palavra carrega. Segundo SINGER (1975, p. 4), o termo violência "não tem um valor científico geral, mas supõe ação direta e física de um tipo desagradável".

Para melhor compreender seu sentido, temos que conjugá-la necessariamente com agressão, visto que uma e outra se complementam. HACKER, citado por PEREIRA (1975, p. 27), coloca a violência como a "expressão manifesta, 'viva' e principalmente física da agressão". Desse modo, conclui-se que todas as formas de agressão podem afinal levar à violência.

Tanto SINGER (1975) como PEREIRA (1975) caracterizam a agressão como um impulso natural/fundamental do homem, como ser vivo ou como resposta bem estabelecida a frustração de intenção. Nesse caso vê-se que para entender a agressão, defini-la significativamente, não se pode excluir a intenção. "Para que exista a agressão é preciso que haja liberdade para agredir e intenção de agredir" (HACKER, 1973, p. 18). Se uma pessoa comete um ato que, via de regra, é de todas as formas considerado agressivo, mas, não houver participação de sua

vontade, não optou por fazê-lo, logo, o ato perde grande parte de sua conotação agressiva, mesmo que magoado ou ferido alguém. Exemplificando, como um fato ocorrido no futebol, pode-se citar a tragédia ocorrida com o zagueiro Wagner, no jogo Paraná Clube versus Sport de Campo Mourão, em 15 de abril de 1990. O zagueiro na tentativa de cabecear para o gol um bola vinda da cobrança de escanteio, chocou sua cabeça contra a do jogador Charuto, que não teve a intenção (não participou a sua vontade) de ferir-lhe. Entretanto, o jogador Wagner caiu ao solo com fratura de crânio, vindo a falecer sete dias após o incidente.

SINGER (1975, p. 27) destaca duas classes de agressão:

Agressão de cólera, que é iniciada por qualquer estímulo que induza à cólera: insulto, ataque ou presença de elementos desagradáveis. Tais estímulos são indicações de cólera, e está é seguida por agressão, cuja intenção é provocar sofrimento na vítima. A segunda classe é a agressão instrumental, é iniciado por competição ou pelo fato de o reforçador desejado ser possuído por outra pessoa. Aí temos indicações de agressão a sangue frio (não encolerizada) cuja intenção é vencer a competição ou adquirir o reforçador: vitória, dinheiro, 'status', etc.

FERRANDO (1987, p. 4) em consonância à colocação de PEREIRA, afirma que "a violência é essencialmente uma conduta instrumental, isto é, uma conduta destinada a alcançar um certo tipo de finalidade".

No caso deste trabalho, onde se pretende bibliograficamente levantar causas e medidas para minimizar a violência no futebol, percebe-se que a agressão/violência praticada neste esporte é a instrumental, dada as características da mesma.

BANDURA (1979, p. 225), em estudos sobre as teorias dos "impulsos agressivos, conclui que as mesmas admitem ser a frustração a provocadora de um impulso agressivo. Torna-se necessário que esse comportamento seja modelado, para ser bem sucedido no asseguramento dos objetivos desejados.

Há correntes que colocam a agressividade como um comportamento instintivo, quer dizer, o homem é por natureza violento e agressivo. Assim pensa HACKER, citado por SINGER (1975, p. 95), que "os homens tendem a se agredirem mutuamente". Portanto, a violência é, antes de tudo, um ato de



agressividade contra alguém. Para dominá-la, deve-se tomar consciência das circunstâncias e condições que a desencadeiam e evitá-las.

O tema “violência” nos dá possibilidade de se fazer um estudo amplo e profundo, que aborde não somente um aspecto sobre a violência, mas também outros aspectos que envolvem diversas formas de violência. No caso delimitamos a estudá-la no futebol.

## 2.2 HISTÓRICO DO FUTEBOL

O futebol, esporte mais popular do mundo, não se pode afirmar com certeza a sua origem, segundo a revista Espanha 82 (1982, p. 4), o que seria mais confiável a respeito da história do futebol foi que na China a mais de dois mil anos atrás, durante o governo da dinastia *Han*, surgiu a primeira versão do futebol. Conforme afirma também a ENCICLOPÉDIA MIRADOR (1982, p. 5030), este jogo praticado na China, chamava-se *tsu-chu* (golpear a bola com os pés) começou como parte do treinamento militar da guarda do imperador Huang-ti, durante a dinastia *Han* o jogo tornou-se passatempo popular.

Na mesma época no Japão, já se praticava um jogo semelhante o *Kemari* que era praticado num campo delimitado por quatro árvores, a bola era feita de bexiga de carneiro, não havia pontos a marcar, apenas o jogador que mais alto chutasse a bola acreditava estar bem perto dos deuses (REVISTA ISTO É, p. 4). A partir dessa época, apareceram vários outros jogos praticados com os pés. No século XII, na Europa, apareceu a *Soule*, que segundo COSTA (1991, p. 160), era jogada por duas paróquias; a bola era jogada através dos campos, sendo a igreja escolhida como ponto de partida. Os habitantes da aldeia participavam ativamente, era um jogo bastante violento, ocorrendo vários feridos durante a partida e até mesmo mortos.

Ainda a ENCICLOPÉDIA MIRADOR (1982, p. 5031), relata que durante a idade média e, por muitos séculos depois, realizou-se na cidade de Ashbourne, Inglaterra, um jogo de bola que pode ser considerado o mais importante precursor

do futebol moderno. Tal jogo de bola era disputado anualmente entre os habitantes da cidade. Era um jogo primitivo violento, semibárbaro e, por tudo isso, mal visto. Chegando ao ponto de sofrer ataques de pelo menos três direções: do rei, da Igreja e da municipalidade. A 13 de abril de 1314, os cidadãos de Londres já liam o edito real que determinada: “Sendo tanto o barulho na cidade em decorrência das disputas por enormes bolas... das quais muitos males podiam advir sem a aprovação de Deus, determinamos e proibimos em nome do rei, sob pena de prisão, tal jogo de bola na cidade”. Esta decisão ocorre não só em função da violência, mas também pelo interesse dos soldados pelo futebol deixando de lado esportes mais adequados ao treinamento para a guerra (arco flecha, esgrima, arremesso e lançamento). Diante das proibições o futebol passou por sucessivas modificações na Inglaterra, civilizando-se a partir do século XVII. Na Itália, além de não ter opositores, o futebol medieval foi entusiasticamente, apoiado pela nobreza.

Com o passar dos tempos foram aperfeiçoadas as jogadas, as regras foram criadas e o futebol passou a ser o que é. Praticado por duas equipes sendo onze jogadores titulares para cada uma delas, distribuídos num espaço preestabelecido, com um goleiro para cada equipe. O objetivo do jogo é marcar gols (fazer com que a bola ultrapasse a baliza, apoiada por duas traves).

### 2.2.1 Histórico do futebol no Brasil

A história do futebol no Brasil, pode ser dividida em duas etapas: uma antes da chegada de Charles Miller e a outra, posterior à sua chegada. Segundo a ENCICLOPÉDIA MIRADOR (1982, p. 5036), o futebol já era praticado no Brasil nos colégios mantidos pelos jesuítas, quinze anos antes da chegada de Charles Miller no Brasil em 1894. Charles Miller era funcionário da Agência da Mala Inglesa, aficionado do futebol, trouxe consigo duas bolas para a sua prática. Ingressando no São Paulo Athletic Club, conseguiu interessar a um razoável número de sócios com os quais organizou torneios de futebol já com regras inglesas.

A primeira partida de futebol realizada no Brasil foi disputada em meados de 1896, entre o São Paulo Athletic Club e uma equipe constituída de empregados do São Paulo Railway. Ainda nesse ano foi fundada a Associação Atlética Mackenzie College, que contribuiu para o desenvolvimento desportivo de São Paulo, começando então, o futebol, a apaixonar a mocidade paulista. Em 1900 foi fundado o Esporte Clube Rio Grande do Sul, primeiro clube de futebol desse estado. Em 1901, o Esporte Clube Internacional de São Paulo promoveu uma festa desportiva que incluiu em seu programa, dentre outros esportes, o futebol (ENCICLOPÉDIA MIRADOR, 1982, p. 5037).

A primeira partida de futebol foi jogada entre clubes porto-alegrenses (Grêmio de Futebol Porto-alegrense versus Futebol Clube de Porto Alegre) em março de 1904. Ainda, neste ano, há que assinalar o tricampeonato da Liga Paulista de Futebol, levado pelo São Paulo Athletic, a criação de três importantes clubes cariocas: América Futebol Clube, Bangu Atlético Clube e Botafogo Futebol Clube e, finalmente, a fundação da liga metropolitana de futebol também em 1904. A partir de 1905, o futebol se desenvolveu rapidamente, disseminando-se por todo os país e suas raízes se aprofundando cada vez mais até alcançar a situação verdadeiramente ímpar em que se apresenta em nossos dias (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1983, p. 75-76).

No Paraná, segundo MACHADO; CHRESTENZEN (1990, p. ), o futebol encontrou os primeiros adeptos em 1908 e no ano seguinte o jovem Charles Wrigt que havia praticado esse esporte na Inglaterra, chegou à cidade de Ponta Grossa, para integrar-se à Companhia "American Brazilian Engineering CO", encarregada da construção da via férrea, ligando o Paraná aos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, trazendo consigo os apetrechos necessários para a prática do futebol. Os funcionários da empresa procuravam algo de lazer nos finais de semana e, num domingo no campo do Alto do Cemitério, foram aprender a dar chutes na bola. O número de interessados aumentava a cada domingo. Apareceram os reservistas do Tiro de Guerra Pontagrossense para tornarem os treinos mais interessantes, e assim formaram um equipe, os "Ingleses".

Em Curitiba o futebol chegou com o regresso de jovem Frederico (Fritz) Essenfelder da cidade de Pelotas (RS), em julho de 1909, que conhecia bem o novo jogo já amplamente praticado naquela cidade gaúcha. Ele conseguiu reunir muitos jovens que se interessavam pelo futebol pertenciam ao Clube Ginástico Turverin. O primeiro jogo aconteceu na cidade de Ponta Grossa, em 1909, onde a equipe de Fritz Essenfelder jogaria com os “Ingleses” (MACHADO; CHRESTENZEN, 1990).

A partir daí surgiram os primeiros clubes do Paraná, bem como a primeira “Liga Esportiva Paranaense” e a entidade “Associação Paranaense de Sports Athléticos”.

Hoje, segundo MACHADO; CHRESTENZEN (1990) o Paraná conta com vinte clubes na primeira divisão.

### 2.3 VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Freqüentemente os meios de comunicação noticiam atos de violência ocorridos no futebol e até mesmo problemas mais graves como atletas lesionados e torcedores feridos devido ao mal comportamento desses indivíduos, tornando o futebol um esporte agressivo.

A história nos ensina que desde a Idade Média os jogos de bola constituíam uma diversão pública. “Freqüentemente, eram acompanhados de brutalidades tais que, mais de uma vez, foram proibidos pelos reis, não só porque afastavam os cidadãos do exercício das armas, mas também dados os acidentes que provocavam e as batalhas que se geravam entre os jogadores e os espectadores” (BUYTENDIJK, 1985, p. 21). Desse modo vê-se que a violência no futebol vem acontecendo a séculos e segundo FERRANDO (1987, p. 5), “era vista naturalmente, hoje esse tipo de violência traz repúdio e horror ao público”.

Para FERRAN (1980, p. 58) “lutar contra a violência no esporte é primeiro refletir sobre ela. É em primeiro lugar notar que se o esporte dá, com freqüência, a impressão de flertar com violência, ele é por definição, distinto dela. Se os homens

gostam de desafiar no esporte, não é para se diminuïrem, é ao contrário, para se enriquecerem mutuamente”.

ARAÚJO (1983, p. 27) afirma que “o esporte não é fator de violência, este é reflexo da violência que afeta a sociedade, que vive em um mundo agitado, cheio de pressões, onde a cada instante os homens são estimulados para a competição da vida”. Levado pela constatação da íntima relação existente entre a violência social e violência do desporto, BALAGUÉ, citado por SERPA (1993, p. 10) escreve: “A agressão no desporto é consequência ou parte integrante da agressão existente na sociedade”.

Com a mesma visão, FERRANDO (1987, p. 17) afirma que “a vida social é entendida como uma constante de resultados e interesses. O conflito de interesses domina a vida social e tende a dividir a sociedade em grupos, classes e instituições que lutam pelos diversos tipos de poder”. E o futebol sendo um esporte de massa, no qual participam todos os tipos de classes sociais, lamentavelmente está deixando de ser uma arte, um espetáculo de graça e beleza aos olhos, para tornar-se cenário comparável a um campo de batalha, onde o próprio animador de atos violentos é o próprio homem, criador de caminhos violentos e agressivos para os outros e para si próprio.

Segundo COSTA (1991, p. 166):

O futebol já não é um jogo mas sim uma atividade praticada por causa dela própria, por exemplo, enquanto meio de produção econômico, isto conduzirá inevitavelmente à destruição da essência profunda deste desporto, fonte de sua força misteriosa e razão de toda sua história lendária. O desaparecimento do ludismo no conjunto do universo esportivo é uma consequência das exigências da industrialização moderna, através da análise desta situação, poderíamos encontrar, no que diz respeito ao futebol, uma explicação dos desvios verificados no espírito deste jogo desportivo de certas corrupções graves que desvirtuam o seu funcionamento, de muitos escândalos que vemos neste universo desportivo sem falarmos em todas as violências praticadas no terreno de jogo, nas arquibancadas à volta do estádio. Tudo isto provoca um verdadeiro mal estar na festa do futebol. Por ser o futebol um esporte que propicia maior contato físico em campo, possibilita, assim, um maior problema de violência na troca de bola.

Isto prova que estão fazendo do futebol um comércio com venda dos passes dos jogadores, ingressos que muitas vezes não valem o espetáculo e muitos dirigentes e políticos com interesses próprios por trás do esporte.

O PARLAMENTO EUROPEU (1988, p. 6) cita que:

A recrudescência da violência no desporto é o resultado de um conjunto de fatores que modificam, nomeadamente a prática do desporto profissional naquilo que se refere à sua natureza, e transformam as manifestações desportivas em espetáculos onde os fatores econômicos, políticos e sociais entram em jogo. A luta contra a violência no desporto exige que se tenha em conta o máximo de elementos associados a esta violência, tais como a exploração política e comercial do desporto, o recurso voluntário ou não dos atletas à dopagem e à violência física exercida por estes e pelos espectadores.

TARSO (1989) afirma que a insegurança é que está aguçando a violência na sociedade e conseqüentemente no futebol.

Para uma melhor compreensão, do subcapítulo “Violência no futebol”, desmembrar-se-á pelos seguintes tópicos: violência dos jogadores no futebol; violência das torcidas; má arbitragem; influência dos técnicos de futebol; meios de comunicação e a violência no futebol.

### 2.3.1 Violência dos jogadores no futebol

As atitudes violentas dos jogadores, no passado, eram menos freqüentes que nos dias de hoje. Participavam do futebol por gostarem do esporte em primeiro lugar, e só depois pensavam em ganhar dinheiro. A comercialização dos jogadores vem crescendo e paralelamente a violência vem aumentando gradativamente. Com o profissionalismo no futebol, alguns jogadores esquecem que seus adversários são pessoas assim como eles, o objetivo do jogo é apenas a vitória, desta forma, o estádio de futebol tende a ser um grandioso local de batalha.

Segundo CAPINASSU (1989, p. 31)

No próprio campo de jogo quando os atletas se desentendiam, dificilmente o problema envolvia número superior a dois ou três participantes. Mas a situação

mudou assustadoramente nos últimos dez anos, inclusive nos países mais desenvolvidos culturalmente. Dentro do campo brigam jogadores, dirigentes, técnicos e integrantes das torcidas, que invadem o local armados de pedaços de pau, barras de ferro e até mesmo facas, descarregando todos os seus recalques sobre pessoas que mal conhecem e se transformando em algozes gratuitos de inocentes vítimas, em um cenário digno dos tempos em que os desprotegidos cristãos enfrentavam em terrível desvantagem as feras soltas nas arenas dos circos romanos.

Para ROMERO (1989, p. 31) “os jogadores não entram em campo com o objetivo de prestigiar o público com uma boa partida, mas sim de presenteá-la com um espetáculo desagradável com conseqüências funestas”. Pois para o jogador somente a vitória interessa e para isso ele muitas vezes usa de artifícios antidesportivos como empurrar, segurar, desferir pontapés, etc., contra seus adversários.

Segundo FERRANDO (1987), quando a vitória tende a escapar-se, pode-se forçar a situação no sentido de alcançá-la a qualquer preço. O autor cita também “as jogadas violentas se convertem em ‘maus exemplos’ para indivíduos que constituem a massa [...] catalisando um comportamento violento em grande escala” (1987, p. 14).

As cenas de violência aparecem com maior freqüência em finais de campeonato, o número de pessoas que vai ao estádio aumenta, deixando as arquibancadas lotadas, isto faz com que a responsabilidade dos jogadores aumentem, o público exige maior desempenho, isto pode fazer com que aumente a violência dos jogadores.

Segundo CAPINASSU (1989) o atleta passa a ser tratado cada vez mais como um operário, que deve produzir permanentemente, vendendo sua força de trabalho enquanto os patrocinadores se constituem um outro processo que, indiretamente vai influir na violência esportiva. O exacerbado culto, proclamado por técnicos e dirigentes, transforma-os em selvagens e os espectadores em fanáticos agressivos e violentos. O autor conclui que há situações em que o atleta não dá provas de agressividade necessária perante o adversário, os companheiros de equipe, o treinador, os dirigentes e os próprios torcedores lhe impõem um norma de comportamento violento. A violência, portanto, já corresponde a lógica da vitória

obtida a todo custo, imposta pela perspectiva do espetáculo esportivo, que necessita apresentar boa rentabilidade financeira, valendo-se por isso mesmo as práticas condenáveis, capazes de extrapolar os limites da simples agressividade.

Neste caso vê-se que os jogadores não jogam, trabalham e, na busca do sucesso final no trabalho, no caso o futebol, tende a reproduzir o mesmo tipo de luta, violenta ou não, que se encontra no resto da sociedade.

Para CLAEYS (1986, p. 5):

O jogo competitivo e o entusiasmo excessivo estiveram presentes, portanto é difícil atribuir exclusivamente a culpa da turbulência no desporto moderno, à comercialização e ao dinheiro e cita que o aumento do profissionalismo e da comercialização do futebol dá ainda mais ênfase à vitória. O jogador é um herói a serviço do comércio, com um agente por trás dele. O jogador é uma personalidade especial que chega entusiasticamente do campo ao público mas é escrupulosamente resguardado da multidão antes e depois do jogo.

Segundo os meios de comunicação o jogador de futebol vem sofrendo com a comercialização, pois ele é vendido como se fosse um objeto, passando por vários times em um mesmo campeonato, isso agride interiormente.

ARAÚJO (1983, p. 27) comenta que o "**FAIR-PLAY** (jogo limpo) deve ser incentivado abandonando a política e promoções das elites, que acabam se tornando vedetes que atraem a violência, grandes somas de dinheiro e atletas preparados exclusivamente para a agressão, para tumultuar os espetáculos esportivos".

O auge da violência dos jogadores no futebol, ocorreu precisamente na Copa do Mundo de 1962 e 1966, conforme afirma DAMATO (1994, p. 4), na Inglaterra (1966), Pelé foi agredido pelos portugueses até sair de campo machucado. A FOLHA DE SÃO PAULO (1994, p. 5) publicou no fascículo **A História das Copas**, que a Copa do Mundo de 1966 culminou com a média de mais de dois jogadores contundidos por partida.

Para LUXBACHER, citado por SERPA (1993, p. 11) "o desporto é visto como uma fonte primária de frustrações que gera impulsos agressivos nos indivíduos". Poderíamos citar muitos exemplos de violência, agressão e conduta



antidesportiva e até tragédias e guerras provocadas pelas frustrações mal resolvidas dos atletas que, às vezes, as projeta e as transfere aos espectadores. Porém, limitar-nos-emos a um fato acontecido no corrente ano, a nível internacional e altamente significativo quanto ao grau de hostilidade, agressividade, e insatisfação dos atletas envolvidos. Trata-se de um atleta francês Eric Cantona que inconformado por sua expulsão de campo (por jogadas violentas), na partida **Wanchester United e Chrystal Palace**, pelo campeonato Inglês desferiu uma “tesourada voadora” em um jovem torcedor do Palace, num claro e impensado gesto de frustração que culminou com a abertura de processo, sendo condenado a duas semanas de prisão (Revista CARAS, 1995).

O jogador de futebol para obter sucesso em uma partida, deve ser combativo e agressivo, porém, esta agressividade deve ser controlada, para não prejudicar com uma falta mais grave o seu adversário.

Para ALMEIDA (1988, p. 49):

a combatividade nada mais é que uma disposição de luta com energia visando a um determinado fim, já agressividade é a tendência ao ataque ou à destruição com propósitos emocionantes iminentemente negativos através de um exemplo o autor cita que quando um jogador quebra a perna do outro no futebol, ele acabou de colocar em campo a agressividade, desta forma ele transgrediu as regras do jogo a maior causa da agressão é que o sujeito não quer se sentir inferiorizado, segundo seus próprios conceitos.

ZAGALO, entrevistado por MÁXIMO (1994, p. 5), disse que “no futebol, como na vida, atacar sem disciplina é suicídio; defender é apenas renunciar a vitórias”.

A violência só tende a afastar o público dos estádios, gerar pânico entre os torcedores, essas cenas de violência devem ser combatidas tanto pelos jogadores que estiverem em campo como pelos dirigentes esportivos.

### 2.3.3 Violência das torcidas

As torcidas organizadas fazem com que a alegria do futebol não fique somente dentro das quatro linhas, passam a compartilhar, com os jogadores a emoção de alegria e tristeza conforme o resultado apresentado no placar do estádio, bem como, dos atos de violência praticados no gramado que segundo FERRANDO (1987, p. 11), “catalisam um comportamento violento em grande escala nos indivíduos que constituem a massa”.

GRAVINHA (1993, p. 18) descreve que “nessa explosão, o torcedor ‘lava a alma’ [...], descarrega suas tensões acumuladas, não só no jogo, mas no trabalho e na vida familiar”. Assumem os torcedores, no estádio, posições que normalmente a sociedade reprime. No dia de jogo ele pode xingar todo mundo impunemente. Segundo FERRANDO (1987, p. 19), “os espectadores que pagam quantias avultadas por um bilhete de ingresso para assistir a um espetáculo esportivo, querem ver ação, e principalmente, querem divertir-se. Por vezes querem esquecer-se momentaneamente dos problemas que os angustiam, querem libertar-se, e então, o comportamento violento pode surgir”.

Em nota publicada no jornal Estado do Paraná a 27 de junho de 1978, comenta o cronista que é “freqüente a tese de que um enorme contingente de recalcados se disfarça de torcedor, apenas para agredir livremente”. Chegando ao cúmulo de provocarem cenas de violência e vandalismo, como o ocorrido no término do clássico Coritiba F. C. e Paraná Clube, onde as três forças da torcida promoveram um “arrastão” a partir da parte interna do estádio, com depredações de veículos, estabelecimentos comerciais e até agressão e assaltos contra transeuntes (GAZETA DO POVO, 1993, p. 36).

O grupo de trabalho TREVI II (1987, p. 4) comenta que “menos de um por cento dos espectadores de um jogo de futebol tem a intenção de causar desordens violentas. Estes agentes provocadores de violência não são interessados no jogo. Estão permanentemente em grupos procurando conflitos no estádio”. Estes mesmos agentes provocadores de violência, afirma o grupo de trabalho, tiram partido de um fator determinante que, através dos acontecimentos

do jogo e das decisões do árbitro, ajudar a criar uma atmosfera de que eles se aproveitam para justificar as suas situações conflituosas, ou seja, pretendem manifestar a sua hostilidade contra o grupo rival e não a defesa de uma causa.

Os estádios de futebol devem estar preparados para acolher com segurança, torcedores, imprensa e os próprios jogadores, a segurança deve ser realizada inclusive pelas redondezas do estádio, principalmente se forem torcidas rivais ou um final de campeonato.

Segundo ARAÚJO (1983, p. 26)

se os locais de competição não oferecem segurança ou condições para a correta prática da atividade esportiva, isto irá provocar no atleta várias manifestações (medo, raiva, agressividade, etc.). Um exemplo característico são aqueles campos de futebol em que a torcida fica quase que em cima dos jogadores gritando, jogando pedras e vários objetos, provocando nos jogadores manifestações de agressividade e geralmente provocando a violência coletiva (torcedores entre torcedores, jogadores entre jogadores), enfim um tumulto generalizado que acaba completamente com o espetáculo. A platéia sofre influências do esporte, bem como a influência no rendimento dos atletas principalmente na desfiguração do caráter cavalheiresco do esporte.

Para BUYTENDIJK (1987, p. 21), “se quisermos manter o valor sócio-pedagógico do futebol é indispensável que a ética deste desporto seja elevado. O que não depende só do espírito das equipes, mas também do comportamento do público durante os jogos”. Assim, o futebol converter-se-ia numa habilidade técnica, num plano de formas ideais de movimento, trazendo de volta o brilho dos grandes espetáculos.

“As campanhas de paz instituídas pelos clubes para aplacar a violência das torcidas organizadas estão gerando ainda mais violência e agora, quem prega paz entre os torcedores é tido como ‘frouxo’” (BERTOLLOTO; TOGNOLLI, 1994). Para LYRA FILHO (1973, p. 106), “as explosões anárquicas dos espectadores constituem descarga do instinto insuficientemente educado”. Cabe então ao Estado promover campanhas educativas, para melhorar o nível cultural do povo.

### 2.3.4 Má arbitragem

O jogo violento não fica só por conta dos jogadores. Segundo ROMERO (1989, p. 32), "o juiz tendencioso que faz vistas grossas à deslealdade, à intencionalidade do lance prossegue o jogo dando evidências de que atitudes antidesportivas não são necessariamente punidos, estimula outros lances desonestos". Tanto os jogadores como a torcida se revoltam com uma péssima arbitragem, por isso muitas vezes são agredidos.

DAMATO (1994) afirma que a violência ocorrida na Copa do Mundo de 1962 e 1966, foi incentivada pela omissão dos árbitros. A responsabilidade de um árbitro de futebol conduzir uma partida até o final sem que ocorra algum tipo de tumulto é muito importante. Pois isso trará uma força moral, para que ele possa arbitrar uma outra partida com mais segurança sem cometer erros graves de arbitragem.

Segundo ARAÚJO (1983, p. 27)

Os regulamentos devem ser modificados para punir com mais seriedade os atos de indisciplina, as agressões, a falta de espírito esportivo. Para tanto, uma melhor formação de árbitros, oficiais e juizes deve ser feita, uma parte do currículo das escolas de formação de árbitros deve ser dedicada a transformá-los em educadores, tirando-lhes este aspecto agressivo e punitivo que existe atualmente, que está contribuindo para aumentar a violência.

O árbitro não deve ter vínculo com nenhum time de futebol, deve ser imparcial na partida, não importando o local e nem os times que estão disputando a mesma partida.

GOLDGRUB (1990, p. 55) comenta que "a crescente tolerância das arbitragens tem muito a ver com a dependência em que os juizes se encontra face aos clubes", e que "o cartão amarelo funciona muito mais como uma vacina contra a expulsão, a marcação de uma falta poderia ser seguida por um expulsão parcial em que o infrator permaneceria fora de campo por quinze minutos, na reincidência, seria expulso definitivamente". Assim o árbitro elimina aqueles que não atuarem de acordo a preservar a disciplina.

MACHADO; CHRESTENZEN (1990, p. 347) afirmam que “existem os bons e os maus árbitros”. É fundamental para que o árbitro tenha uma boa condução de arbitragem, segurança e apoio previsto no regulamento da competição.

### 2.3.5 A influência dos técnicos de futebol

O técnico de futebol é um dos elementos importantes que influenciam no desempenho dos jogadores. Devem ser formados em faculdade de Educação Física, desta forma através de disciplinas curriculares específicas da área desportiva, estará apto, se for um profissional competente a realizar um bom trabalho, em qualquer time de futebol profissional.

Para ROMERO (1989, p. 33) “a estabilidade profissional dos técnicos e preparadores físicos é fundamental para uma maior e melhor continuidade de um trabalho que possibilite a melhoria da qualidade técnica das equipes e diminua a violência”.

Segundo CLAEYS (1986, p. 10),

técnicos desportivos têm um trabalho pedagógico importante. O estímulo de atos antidesportivos é normalmente inaceitável. É dever dos treinadores, dos técnicos, dos monitores e de quantos dirigem os jovens aplicar os princípios de *fair-play* com os atletas. Uma pesquisa na Bélgica demonstrou que vinte e cinco por cento dos jovens indica o treinador, quando lhes é perguntado quem incita o seu comportamento agressivo.

Um exemplo que podemos citar da influência do técnico na conduta do jogador é o que descreve DAMATO (1994, p. 5), na Folha de São Paulo, “o lateral esquerdo Gentile foi encarregado pelo técnico italiano Enzo Bearzot de marcar o meia Maradona. Para realizar sua missão, cometeu 28 faltas sobre o argentino”.

Para ARAÚJO (1983, p. 26):

cada vez mais tem-se a certeza que é preciso conscientizar dirigentes e técnicos sobre a transformação que o esporte tem sofrido no decorrer dos anos,

perdendo cada vez mais o brilho que existia na Grécia e Roma Antiga, pois cada vez mais o esporte tem sofrido pressões que o procuram transformá-lo em um negócio para fins lucrativos do que um meio para desenvolvimento do corpo e do espírito. É fundamental para os técnicos conscientizarem seus atletas para competirem com lealdade, honra, respeito ao adversário e principalmente, saibam aceitar a derrota e em caso de vitória não menosprezarem seus adversários.

O calendário dos jogos de futebol deve ser apresentado com antecedência pelas federações de cada estado, desta forma tanto o clube terá tempo de contratar novos jogadores se necessário for, e o técnico irá dispor de um tempo maior para treinar a equipe, assim como o preparador físico deixar os jogadores em forma.

### 2.3.6 Meios de comunicação e violência no futebol

Cada dia que passa, assistem-se, ouvem-se e lêem-se sobre as cenas de violência que acontecem nos mais variados esportes, principalmente no futebol. Para ROMERO (1989, p. 32) “os jornais noticiam as situações desleais, o espetáculo ao vivo nos gramados evidencia perfeitamente a vantagem em ser o jogador mais astuto, o mais esperto, o mais dissimulado possível”.

A forma com que a imprensa divulga os acontecimentos esportivos principalmente no futebol deve ser revisto, pois ao mesmo tempo que está contribuindo para divulgação do esporte ela pode estar prejudicando ao dar maior ênfase às cenas de agressividade, que o próprio espetáculo que é o futebol.

REZENDE (1985) relata na revista Placar, um caso de extrema violência ocorrido no jogo Vasco e Botafogo, onde três torcedores revoltados pela expulsão do jogador Alemão, pularam o fosso para agredir o árbitro e o goleiro do Botafogo. Resultando num saldo de um torcedor com fratura exposta do braço esquerdo e dois policiais militares feridos nas pernas. O curioso é que essa matéria trouxe como título “A briga do campeonato está muito boa”. Desse modo, estimulando os jogadores a mais violência, para que o campeonato se torne melhor, mais atrativo.

Segundo LYRA (1973, p. 110)

os desportos constituem o mais benéfico respiradouro das massas humanas, o fervor popular pelo futebol explica o crescente interesse das emissoras de rádio e televisão em estarem presentes às competições desse desporto, através dos quais os preços dos anúncios por elas arrecadados prometem a prosperidade de suas finanças sem a contrapartida de despesas substanciais. O espetáculo provocado por grande jogo de futebol constitui um atrativo que alegra as multidões por antecipação, porque elas sentem enfado com as cenas postiças da ficção mesmo aquelas que são trabalhadas com apuro de espírito criador.

O jogador de futebol, como o próprio time possui um rendimento de altos e baixos e a imprensa influencia diretamente neste tipo de rendimento por criticar demasiadamente o time que não corresponde em campo, através de gols e vitórias.

Segundo CAPINASSU (1989, p. 34):

a administração do jovem pela estrela esportiva, particularmente no futebol, é limitada. Por isso mesmo, pode encerrar um dos mais perigosos aspectos da prática esportiva pelas crianças e pelos jovens. A luta contra a violência esportiva passa inevitavelmente pela formação educativa do próprio atleta, motivando a necessidade de campanhas de esclarecimento que objetivam a educação esportiva em prol do espírito e da ética do esporte que a informação esportiva integra-se a esse grande movimento gerado de violência que invade a sociedade e classes de um extremo a outro, não gera violência, mas se encarrega de transmiti-la, vinculá-la e prepará-la, incluindo-se num sistema cultura. que procura garantir a reprodução do poder. Faz parte assim, a imprensa esportiva, devido à capacidade de criar o acontecimento, tem maior responsabilidade em relação à violência.

A imprensa, principalmente nos momentos fortes do calendário futebolístico, apresenta o futebol como o desporto mais emocionante e espetacular capaz de unir um povo inteiro. Segundo COSTA (1991, p. 160) “a imprensa desportiva fala dos grandes jogadores como se tratassem de super-homens e mesmo deuses”. Com isso estimula, principalmente as crianças, à prática de um futebol agressivo, pois se seus ídolos assim o jogam, também querem imitá-los.

CONSTANTINO (1990, p. 170) comenta que o futebol é um desporto que se impõe televisivamente. “Por isso se ‘concentram’ em muitas importantes competições internacionais os horários das competições, não em função do que melhor pode servir os seus atores, atletas, mas o que melhor serve aos interesses comerciais das cadeias de televisão”. Nesse contexto, vê-se que o futebol, melhor

ainda se ocorrer cenas de violência, é indispensável ao aumento das tiragens e da audiência de rádio e televisão.

CAPINASSU (1989, p. 34), afirma que “o estímulo proporcionado pela imprensa sensacionalista, alardeando os fatos agressivos e acirrando os ânimos às vésperas da competição, concorre para a ocorrência da violência no campo de jogo”. É importante que a imprensa escrita, falada e televisionada valorize o esporte belo, desempenhando o seu papel educativo em todas as ocasiões.

Os meios de comunicação têm uma influência considerável sobre a educação do público. No que diz respeito ao desporto eles podem, com seus próprios meios, depreciar a conduta não desportiva e elogiar o *fair-play*, denunciar práticas desonestas e promover o conceito de *fair-play*. Tem também uma responsabilidade particular, além do simples relato também têm a tarefa de salientar permanentemente os valores básicos dos acontecimentos esportivos perante o seu público. Para realizar esta tarefa os jornalistas desportivos deverão aprender a ética do desporto, ou por estudo próprio ou por educação contínua. A ética do desporto deve então servir de fundo para as suas reportagens (CLAEYS, 1986, p. 10-11).

## 2.4 CAUSAS E MEDIDAS CONTRA A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL

Pode-se dividir na sociedade atual vários fatores que levam o homem a ter um comportamento violento. Para CLAEYS (1986, p. 6) as causas do comportamento agressivo e, em particular, no desporto podem ser:

fatores genéticos; fatores psicológicos; socialização, o sistema de valor sociocultural e a sua influência; as condições político-econômicas nas quais se vive; características específicas do desporto como a natureza do desporto; o lugar dos jogadores na equipe; as expectativas das funções (árbitros, treinadores, etc.); os espectadores e a comercialização.

CAMARGO (1989) enfatiza que, na psicologia esportiva cabe explicar por que, como e o que ocorre no homem quando submetido à situação de



agressividade. A fisiologia tem contribuído com o preparo físico, o treinamento esportivo tem provocado a superação de inúmeros records, a psicologia esportiva deve garantir a performance no momento esportivo. O autor afirma que

a avaliação psicológica pode ser realizada através de entrevistas, testes, questionários e observações sistemáticas, que serão repetidas sempre que houver necessidades de comprovação dos dados iniciais ou de comportamento que se alterem em função dos períodos de treinamento, como a ansiedade antes, durante e após a competição (CAMARGO, 1989, p. 68).

Pode-se concluir que uma psicologia bem orientada, bem programada para toda a equipe, bem como os árbitros, auxiliares e dirigentes, fará com que a agressividade diminua consideravelmente.

Segundo FERRANDO (1989, p. 10), "os sociólogos procuram explicação da violência nos próprios lances desportivos. Onde destacam as mudanças verificadas na organização do futebol profissional, sobretudo a decomposição do clube como uma instituição local que passou a ser uma unidade dentro de uma estrutura complexa do espetáculo profissional à escala nacional".

A transformação do desporto num novo segmento da atividade econômica, a orientação do espetáculo desportivo submetido às leis do mercado, o aproveitamento do desporto como meio de afirmação política e ideológica, suscitou num conjunto de fenômenos, que reconhecemos, tem de ser combatidos e afastados. Referimo-nos naturalmente, à corrupção, ao mercantilismo dos atletas, à violência, à falta de espírito desportivo, à dopagem, etc. (CONSTANTINO, 1990, p. 170).

Todos esses fatores geram agressividade nos jogadores e espectadores e tiram o brilho do verdadeiro futebol. Até mesmo as crianças são condicionadas à violência, pois fazem parte do contexto da sociedade.

Segundo CONTRERAS (1990, p. 34)

podemos encontrar a qualquer momento nos campos desportivos, crianças orientadas por profissionais para quem falhar em um gol, ou perder uma competição, significa virar as costas ao adversário ou tratar insolentemente o árbitro da partida são os primeiros passos a aprendizagem da violência. Também podemos identificar lançando garrafas para o terreno de jogo ou

iniciando os seus atletas completamente ao despropósito com uma boa informação sobre os aspectos culturais, físicos e sociais que com o desporto poder-se-iam converter os muitos violentos verdadeiros praticantes e professores desses esforços.

A criança, neste caso, quando participar de um jogo de futebol, também desenvolverá agressividade. As mudanças freqüentes na sociedade influenciam o comportamento humano, inclusive o comportamento no desporto (CLAEYS, 1985, p. 3). Segundo ALMEIDA (1988, p. 49), a agressividade no futebol se transforma em combatividade canalizando-a para a busca de um determinado fim, passa a lutar contra o tempo, enfim quer vencer uma barreira que se impõe ali naquele momento.

O estudo realizado pelo PARLAMENTO EUROPEU (1988, p. 10) recomenda os seguintes itens para evitar a violência no desporto:

- a) reconhecer a educação física como um meio de formação total do indivíduo, cujo ensino deve ter a mesma importância que as outras disciplinas escolares.
- b) acentuar o desenvolvimento de uma mentalidade desportiva no âmbito da formação complementar dos professores de educação física e dos treinadores.
- c) organizar grandes campanhas em favor do espírito desportivo nas escolas, nos clubes e associações desportivas nas quais a Federação Internacional do Desporto Escolar tem uma tarefa importante a desempenhar.
- d) estimular a participação dos jovens nas atividades dos clubes desportivos organizados de criar infra-estrutura necessária para acolher e enquadrar validamente a juventude difícil.
- e) apela a uma política que preveja, nomeadamente no que respeita aos desportistas profissionais de alto nível, a estabilidade da sua condição de vida no trabalho no âmbito de contratos tipo ou padrão, assim como em um bom enquadramento médico, social e mental durante e após a carreira desportiva, possibilidades de aperfeiçoamento ou de reciclagem e facilidades na organização dos seus estudos.

Várias medidas são apontadas pela literatura no combate à violência no futebol. Para ROMERO (1989, p. 38) “um calendário esportivo bem distribuído seria uma das formas de premiar um bom espetáculo”. Já CAPINASSU (1989, p. 35) enfatiza a punição dos clubes pelos atos de seus dirigentes e treinadores que

estimulam a violência, infringindo-lhes perdas de pontos e mando de campo e pesadas multas, caso a falta tenha ocorrido em suas instalações.

CLAEYS (1989, p. 9) cita três medidas capazes de diminuir a violência no desporto: a) medidas pedagógicas que se esforçam para dar um nova mentalidade desportiva; b) medidas estruturais relacionadas como o regulamento no desporto; c) medidas regressivas orientadas para controlar o comportamento não desportivo.

Tais medidas devem ser colocadas em prática e possivelmente diminuir-se-á a violência no desporto. Na análise das causas principais a violência no campo de futebol, pode-se dizer que figuram em plano evidente as seguintes: jogadores, técnicos, árbitros e torcidas.

#### 2.4.1 Jogadores

O jogador de futebol quando entra em campo para disputar uma partida já vem com o pensamento de vencer. Segundo ARAÚJO (1983, p. 27) “é comum a pressão para que a vitória seja uma constante na formação de atletas, não se deixando alternativas para casos de derrotas e se estas acontecem, são encaradas como um desastre na carreira de atletas e técnicos”.

A sociedade também tem sido culpada de um jogador cometer mais cenas de agressividade que outro em uma partida de futebol. Pois na sociedade existem os dominantes e os dominados, assim como no futebol existem os bons de bola e aqueles que estão ali para impedi-los.

É difícil para um clube e para o técnico de futebol, deixar na reserva um jogador habilidoso, mas violento, desta forma tanto o clube quanto o próprio técnico está incentivando cada vez mais o atleta indisciplinado, para que o mesmo cometa cada vez mais cenas de violência dentro de uma partida de futebol.

ARAÚJO (1983, p. 27) cita que “não se dar destaque aos atletas violentos, às atitudes inconvenientes, à agressividade dos torcedores e dirigentes. Os atletas violentos e agressivos devem ser afastados das equipes, independentemente do seu valor na modalidade como atleta”.

Segundo ROMERO (1989, p. 31),

o próprio calendário obriga os jogadores a assumir uma postura agressiva, eliminadora, ou seja, já que vai ser uma maratona, melhor que os adversários de igual ou melhor nível sejam eliminados paulatinamente, a cada partida pelo menos, um atleta fica de fora da competição por períodos que variam de trinta a noventa dias em média. Isto para um profissional que pode significar simplesmente a possibilidade de não ter contato renovado, a desvalorização de seu passe e comprometer o seu próprio desempenho, [...]. O futebol propicia um maior contato físico em campo, possibilitando, assim, um maior problema de violência na troca de bola, em conseqüência é necessário um talento destacável, uma forma física que lhe dê condições de equilibrar os noventa minutos com raciocínio, elegância, habilidade, destreza, proporcionando um espetáculo de motivação à equipe e à torcida.

Os locais de competição se não oferecem segurança ou condições para a correta prática da atividade esportiva irá, segundo ARAÚJO (1983, p. 26), provocar no atleta várias manifestações (medo, raiva, agressividade, etc.).

Essas manifestações orientadas do esporte, segundo HURTADO (1994), não só incorporarão o atleta, como também se manifestarão psicofísica e socialmente no indivíduo, através de "stress" e fadiga física, habilidade técnica desportivas medíocres, excesso de falta de tolerância ao comando técnico e juizes desportivos em geral.

A falta de punição dos tribunais esportivos é um outro fator que contribui para a onda crescente de violência dos jogadores. Segundo CAPINASSÚ (1989) os tribunais esportivos estimulam a deseducação esportiva do atleta e por indução a violência, dando punições ridículas aos infratores. Ali existe um conflito entre árbitros e os juizes dos tribunais. Estes dizem que as súmulas são mal feitas e muitas vezes não refletem o que houve de irregular em campo e os juizes são abrigados a julgar pelo relatório dos árbitros. Estes se defendem, como disse Arnaldo César Coelho - brilhante árbitro no final do mundial da Espanha: "A gente pune o atleta, expulsa, adverte e vai ao tribunal e o absolve, o que adianta nosso relatório?"

Os atletas também são estimulados à violência pelos dirigentes, comenta CAPINASSÚ (1989, p. 34) que "os dirigentes que fazem um afago no atleta, após este ser expulso do jogo, não se trata de um conforto, mas sim de um estímulo à

falta de educação esportiva”. Coloca ainda que “se deve punir a violência no campo de jogo da forma mais severa possível, providenciando a prisão em flagrante e a instauração de processo criminal contra o atleta que agredir o seu colega de profissão” com a mesma visão, TAGLIAFERRI (1994, p. 142) enfatiza que “punições rigorosas inibem o jogo violento”.

Segundo FERRANDO (1989, p. 9)

se os atletas aprenderem a respeitar as regras do jogo desde o princípio e entenderem o desporto como uma atividade expansiva e lúdica e não como uma desforra perante as contrariedades da vida cotidiana certamente que a transferência do aumento da agressividade reduzir-se-á quase inevitavelmente a atos violentos já que o ato desportivo pode, por si próprio, diluir a agressividade, sem necessidade de que apareçam os comportamento abertamente violentos.

Há uma necessidade de se dar maior ênfase à educação desportiva, não só para os atletas profissionais, bem como para toda a população. O jogador deve atuar com determinação, mas em total respeito pelo adversário, pelo árbitro e pelo público em geral.

CLAEYS (1986, p. 10) cita que:

Uma área importante, se não a mais importante, para o ensino do desportismo é a escola. A escola em geral, e os professores de educação física em particular, devem transmitir claramente os valores e as normas que estão estipuladas no desporto. Aqui o esforço para a formação de hábitos positivos tem que ser central, se o jovem atleta aprende desde o início que estas formas de comportamento e certas atitudes não são toleradas, que não são desportivas, não fará dela um hábito.

Existem pessoas especializadas para trabalhar em esportes de competição. Atualmente no futebol está surgindo o psicólogo, que através de questionários respondidos pelos jogadores, irá detectar se existe algum tipo de problema com qualquer jogador de sua equipe.

BUYTENDIJK (1987, p. 26) cita que:

quanto ao desporto, todos os psicólogos defendem sempre a idéia de que o desenvolvimento desportivo favorece o desenvolvimento da personalidade nos jogos, sempre e quando se evitem os excessos, nos casos em que esta medida

corra o risco de se exceder, responsabilidade não será da juventude moderna nem da natureza do jogo de futebol, nem da existência de competições, nem sequer de jogos internacionais que todos acompanhamos com interesse e prazer. A falta de medida no desporto deve-se à influência de alguns interesses ou despertar irresponsável de paixões que ameaçam o espírito desportivo.

“É uma lástima que poucas equipes tenham psicólogos e que o técnico ou médico muitas vezes se vejam obrigados a se desdobrarem para orientar psicologicamente os jogadores, trabalhar a percepção do jogador, o contato com seu próprio corpo e espírito reinante do grupo, seu estado emocional, é preciso ensinar o atleta a relaxar sem largar o corpo todo” (GRAVINA, 1993, p. 19).

A conclusão que se pode tirar é que há todo um contexto para a causa da violência dos jogadores de futebol. Não se pode afirmar, absolutamente, este ou aquele. E as medidas colocadas pela literatura, se aplicadas, atenuarão os atos agressivos dos jogadores.

#### 2.4.2 Técnicos

São muitos os treinadores de baixa preparação didática para exercer a profissão. O problema para este nível de profissionais é a manutenção de seus empregos. Como mantê-los? Ensinando jogadores, preparando esquemas, apurando o estado técnico? Eles não sabem. Então apelam par um termo que é a síntese da mediocridade: “matar a jogada”. E o pior é que alguns atletas levam a ordem ao pé da letra. O “matar a jogada” significa não deixar o jogador passar. Que passe a bola, mas o jogador fica. E o choque, a violência é inevitável. Técnico que manda “matar a jogada” é um incentivador da violência.

ROMERO (1989, p. 33) enfatiza que “a maior estabilidade profissional dos técnicos e preparadores é fundamental para uma maior e melhor continuidade de um trabalho que possibilite a melhoria da qualidade técnica das equipes e diminua a violência”. Em consonância, CAPINASSÚ (1989, p. 35) também acha que se deve obrigar os clubes a colocar na direção técnica das equipes representativas

das categorias inferiores, somente professores de educação física, que possam realmente proporcionar uma formação compatível ao adolescente.

Os professores de educação física através de sua formação acadêmica devem estar aptos a educar seus alunos e atletas para que não cometam cenas de violência de forma a contribuir para o enriquecimento moral do indivíduo. Os dirigentes devem avaliar melhor os jogadores antes de contratá-los.

Segundo ARAÚJO (1983, p. 27)

Os professores, técnicos devem ter em mente que antes de meros formadores de campeões, eles são educadores com importante parcela de formação do homem, professores de educação física devem educar a crianças desde a mais tenra idade para o esporte sadio para uma vida melhor, e que independentemente dos resultados, vencedores e vencidos dêem as mãos e façam uso do esporte como meio de união dos povos e desenvolvimento dos corpos e do espírito.

Os jogadores de futebol e técnicos devem estar conscientes do que é, e do que não é permitido realizar em uma partida de futebol, estes estudos deveriam ser promovidos pela federação de futebol de cada Estado. Com o conhecimento das regras a violência pode ser diminuída.

Para LOPEZ (1964), os técnicos assalariados deveriam passar por uma seleção psicotécnica para serem apurados os seguintes tópicos: o grau de inteligência, submetendo-o a problemas de cunho prático, que exijam dele rápida e eficiente avaliação de autocontrole e domínio emocional, isto é, a serenidade perante situações conflituosas; a sua equanimidade na aplicação das regras, princípios e regulamentos de jogo, em casos difíceis, bem como a flexibilidade e adaptabilidade, a simpatia e a empatia, no seu trato pessoal com qualquer tipo de jogador.

LOPEZ (1964) coloca ainda que a psicologia do trabalho demonstrou que a tarefa de criar e manter a integração e coesão em qualquer grupo de trabalho deve ser confiada a psicotécnicos e não apenas a técnicos profissionais. Estes poderão apenas se desincumbir dela no caso de possuir preparo e aptidões para exercer uma atividade de psico-higiene e de psicoterapia laboral.

O psicólogo com seu conhecimento, auxiliará a equipe técnica em atividades de diagnóstico, acompanhamento, tratamento e de orientação sobre como controlar as emoções dos atletas como indivíduo e no grupo permitindo assim, a formação equilibrada de grandes ídolos, líderes e heróis desportivos, que com certeza, servirão de modelos positivos para as gerações esportivas futuras.

### 2.4.3 Árbitros

Uma boa arbitragem num jogo de futebol é fundamental para que o jogo ocorra dentro da normalidade. Já a falta de personalidade, medo de represália do clube para futuras escalas e temor sobre o futuro fazem com que os árbitros não cobrem a falta violenta e deixem o jogo correr; com isso estimulam a agressividade nos jogadores. O árbitro que se impõe, muitas vezes passa o jogo inteiro sem dar cartão amarelo. Os jogadores sabem disso e geralmente experimentam o árbitro que está atuando. Na primeira entrada eles já sabem se poderão se espalhar ou não.

Segundo CLAYER (1986, p. 10), “o trabalho do árbitro não é só a direção técnica do jogo verificando se as suas regras são respeitadas, mas também conseguir uma perfeita interação e uma comunicação entre as partes em questão, jogadores, treinadores, dirigentes, na base dessas regras”. Torna-se necessário um treinamento especial aos árbitros junto aos técnicos e dirigentes que poderão aprender a regulamentação e especialmente a sua interpretação, onde será muito importante para neutralizar a violência.

O futebol por ser um esporte onde o contato físico está quase sempre presente, em certos momentos da partida fica difícil para o árbitro conduzi-la até o final sem que ocorra alguma discussão, aí a importância dos árbitros estarem bem fisiológica e psicologicamente.

Para CAPINASSÚ (1989, p. 33) deve-se “apurar a melhor formação dos árbitros exigindo que tenham formação universitária”. De acordo, ARAÚJO (1983, p. 27) cita que essa formação é tanto para os árbitros, como para oficiais e juizes, e



deve ser feita uma parte do currículo das escolas de formação de árbitros deve ser dedicada a transformá-los em educadores, tirando-lhes este aspecto agressivo e punitivo que existe atualmente e que está contribuindo para aumentar a violência.

#### 2.4.4 Torcidas

Não há dúvida de que entre todos os esportes, o futebol é o mais difundido, o que maior número de adeptos tem no mundo e que mais é capaz de excitar uma multidão, em qualquer lugar da terra.

O clima de violência que se percebe por parte dos espectadores em jogos de futebol é de grande frequência. A emoção da competição leva-os a extravasar as paixões, os sentimentos, as frustrações. A simples privação de algo a alguém pode produzir no sujeito sentimentos de agressividade. Neste caso, a vitória no jogo é algo desejado.

Estudos científicos em fisiologia humana ajudam a compreender melhor as causas que levam o homem a usufruir da agressividade para liberar as tensões do seu dia a dia.

Para SILVA (1973, p. 35):

A agressividade é nata ou adquirida, dependendo da ativação de certas glândulas para a produção de hormônios do sexo masculino e feminino. No homem a testosterona, quanto mais alto for o nível encontrado mais agressivo se torna o indivíduo. Na mulher ocorre o contrário, quanto mais baixo for o nível de estrogênio e progesterona, mais agressiva se torna a mulher.

O autor afirma ainda que a “agressividade poderá ser treinada, condicionada e até aumentada através de substâncias químicas”.

A frequência com que o comportamento agressivo é apresentado, as formas específicas que toma, as situações nas quais é expresso e os alvos que são selecionados para ataque estão, segundo BANDURA (1975, p. 223), fortemente influenciados pela experiência social.

Haja visto que qualquer acontecimento dentro do campo, seja uma decisão do árbitro que não agrada, ou um ato de violência do jogador contra o adversário, é motivo para criar uma atmosfera de que a torcida se aproveita para justificar as suas situações. SMITH, citado por FERRANDO (1987, p. 10) apresenta a tipologia das desordens públicas no futebol como sendo: “confrontações entre duas facções tradicionalmente rivais; a desordem por falta de bilhetes de ingresso; desordem por derrota da equipe e desordem por vitória da equipe”. É uma luta pela auto-satisfação.

Segundo ARAÚJO (1983, p. 26) “a platéia sofre influência do esporte”. Conclui-se que quanto maior for o número de indivíduos que assistem um encontro desportivo, maior será a probabilidade de surgirem espectadores dispostos a seguir aqueles que tomaram a iniciativa de se comportar violentamente.

Para CLAEYS (1986, p. 9) “os desordeiros gostam de aparecer nos jornais. A presença das câmeras de televisão aumenta a possibilidades de zaragatos”. Fica evidenciada a subcultura dos desordeiros, pois segundo FERRANDO (1987, p. 6), “a classe social predominante entre os espectadores que participam em atos violentos com maior freqüência, a evidência empírica revela que a sua maioria pertence a classes baixas”.

O fanatismo é fator chave para a violência no futebol. CAPINASSÚ (1989, p. 32) cita que “a violência dos torcedores fanáticos está ligada às apostas, à ingestão de álcool e/ou drogas e ao pobre espetáculo que os jogadores mais agressivos proporcionam”. Esses fatores pressupõem-se serem a causa do ocorrido na Copa Europa de Clubes em Bruxelas, onde os ingleses derrubaram a cerca e agrediram selvagememente torcedores italianos registrando-se algumas mortes.

É preciso que o povo seja devidamente educado e orientado sobre o esporte e suas influências no desenvolvimento do homem. Para afastar essa massa humana do gramado, FERRANDO (1989, p. 8) sugere que se deve “isolar as áreas de jogo com valas a fim de impedir ou dificultar a sua invasão por parte dos torcedores adeptos excitados.

CAPINASSÚ (1989, P. 35) sugere que se deve “envolver todos os segmentos da sociedade nas campanhas anti-violência, esquematizando-se modernas formas publicitárias capazes de sensibilizar não só os dirigentes, treinadores, atletas, mas principalmente o público em geral”. Deve-se combater não só a violência, seja ela no esporte ou não, como os interesses financeiros e políticos que permeiam o futebol.

TREVI II (1987, p. 6) afirma que “uma atuação apropriada e conseqüente da polícia e das forças de segurança faz diminuir o perigo das disputas violentas entre torcedores”. O autor comenta ainda que “o clube deve exercer influência sobre o comportamento dos seus adeptos, estabelecendo um contato estreito entre eles”.

### 3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo bibliográfico permitiu se ter uma visão panorâmica da violência que vem, atualmente, ocorrendo no futebol. Onde pode-se observar que a agressividade que impera neste esporte não é só um problema da competitividade, mas também um problema social, econômico e político.

Observa-se pela revisão de literatura que o tipo de violência praticada no futebol é a instrumental, a qual é iniciada por competição ou pelo fato do reforçador desejado ser possuído por outra pessoa. O que leva os jogadores a praticarem jogadas desleais, que empobrecem os espetáculos e tiram qualquer possibilidade de se cultivar a magia e o encantamento sempre presente aos jogos de futebol nos seus grandes dias e nas suas melhores fases.

Percebeu-se que a agressividade física acontece em quase todas as partidas de futebol porém em intensidades diferentes dependendo do tipo de campeonato, do local do jogo, da rivalidade entre os times, ou uma partida final de campeonato por exemplo, levando a crer que os principais motivos que fazem jogadores, árbitros, técnicos e torcidas a cometerem atos de agressividade são: pelas frustrações mal resolvidas; a necessidade de vitória do time; a falta de imposição da arbitragem; a ênfase com que os meios de comunicação dão às cenas de violência e aos jogadores como se tratassem de super-homens; a dopagem; a falta de espírito desportivo; a baixa preparação didática dos técnicos para exercerem a profissão e falta de controle emocional. Contudo, as medidas colocadas pela literatura para melhorar esse quadro estarrecedor, são apenas paliativas e não irão resolver o problema todo, apenas minimizá-los.

Assim, é preciso pensar na conscientização da população, ainda das crianças, que deverão crescer com hábitos positivos em relação ao esporte e cabe aos profissionais da educação física enquanto professores, treinadores, orientadores, plantar na criança a semente da educação esportiva.

Cabe, também, ao Estado o trabalho de conscientização das classes menos favorecidas que não têm acesso à escola, construindo canchas nos bairros,

com profissionais habilitados para trabalhar com crianças e adolescente, mostrando-se a importância do esporte sadio, sem brigas, agressão e que independente dos resultados, vencedores e vencidos dêem as mãos e façam uso do esporte como meio de união dos povos e desenvolvimento do corpo e do espírito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ALMEIDA, Mauro. Mais esporte menos agressividade. **Boa Forma**, São Paulo, n. 12, p. 49-50, set. 1988.
- 2 ARAÚJO, Rodolfo. A violência no esporte. **Revista da APEF**, Londrina, v. 4, n. 7, p. 26-28, abr. 1983.
- 3 BANDURA, Albert. **Modificação do comportamento**. Rio de Janeiro : Interamericana, 1979.
- 4 BORTOLOTTO, Rodrigo; TOGNOLLI, Cláudio J. Chefes são incapazes de controlar torcidas. **Folha de São Paulo**, 20 nov. 1994.
- 5 BUYTENDIJK, F. J. J. O futebol : estudo psicológico. **Antropologia de textos**, Lisboa, n. 52, p. 3-27, jun. 1987.
- 6 CAMARGO, Elizabeth da Silva. A psicologia no treinamento esportivo: uma proposta de trabalho. **Caderno de Ensino e Pesquisa do CESULON**, Londrina, n. 11, p. 68-75, jul./dez. 1989.
- 7 CAPINASSÚ, José Maurício. Violência no esporte : desvio em busca da correção. **Artus**, Rio de Janeiro, n. 21/22, p. 31-35, dez. 1989.
- 8 CLAEYS, Urbain. Violência e "fair-play" no desporto : causas e medidas. **Antologia de textos**, Lisboa, n. 21, p. 3-12, ago. 1986.
- 9 CONSTANTINO, José Manuel. Reflexões em torno do valor cultural e ético do espetáculo desportivo. **Horizonte**, Lisboa, v. 6, n. 35, p. 167-172, set. 1990.
- 10 CONTRERAS, Manuel Zambrana. Violência : a sombra do desporto. **Horizonte**, Lisboa, v. 7, n. 37, p. 34, mai./jun. 1990.
- 11 COSTA, Antônio da Silva. A grande festa dos tempos modernos. **Horizonte**, Lisboa, n. 41, p. 159-166, jan./fev. 1991.
- 12 DAMATO, Marcelo. Copa faz campanha por jogo limpo. **Folha de São Paulo**, 15 jun. 1994. Guia do Futebol, Especial A, p. 4-5.
- 13 ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo : Encyclopaedia Britannica do Brasil, v. 8, p. 75-76, 1983.
- 14 ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo : Encyclopaedia Britannica do Brasil, v. 10, p. 5003, 1994.
- 15 DO 1º chute à 1ª chuteira : Kemari, Haspartum, Pelé... **Isto é**, Espanha 82, 1982.
- 16 FERRAN, Jacques. Lutar contra a violência no esporte : por que e como. **Boletim da Federação internacional de Educação Física**, Brasília, v. 50, n. 1, p. 57-60, jan./mar. 1980.

- 17 FERRANDO, Manuel Garcia. Interpretações sociológicas da violência no desporto. **Antologia de textos**, Lisboa, n. 41, p. 3-20, mar. 1987.
- 18 \_\_\_\_\_; BASSOLS, Martin. Para uma sociologia do conflito no desporto. **Antologia de textos**, Lisboa, n. 125, p. 3-18, out. 1989.
- 19 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, p. 1838, 1986.
- 20 FOLHA DE SÃO PAULO. **A história das copas**. Curitiba, p. 5, 1994.
- 21 GOLDGRUB, Franklin. **Futebol arte ou guerra**. Rio de Janeiro : Imago, 1990.
- 22 GRAVINA, Dartan. Futebol : a paixão desnudada. **Viver Psicologia**, São Paulo, n. 14, p. 16-19, set. 1993.
- 23 HURTADO, Johann G. G. M. Agressividade e violência no esporte : novos caminhos para psicologia desportiva. **Psicologia**.
- 24 MACHADO, Heriberto Ivan; CHRESTENZEN, Levi Mulfard. **Futebol, Paraná, história**. Curitiba : s. ed., 1990.
- 25 LOPEZ, Emílio Mira y. **Futebol e psicologia**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1964.
- 26 PARLAMENTO EUROPEU. Resolução sobre o vandalismo e a violência no desporto. **Antologia de textos**, Lisboa, n. 106, p. 3-13, mai. 1988.
- 27 PEREIRA, José. **Violência** : uma análise de "Homobrutalis". São Paulo : Alfa-omega, 1975.
- 28 ÍDOLO do Manchester agride o torcedor. **Revista Caras**, São Paulo, n. 5, 3 fev. 1995.
- 29 REZENDE, Marcelo. A briga no campeonato está muito boa. **Placar**, São Paulo, n. 808, p. 6-7, nov. 1985.
- 30 ROMERO, Elaine. Reflexões de uma professora de educação física sobre a violência nos esportes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, p. 31-33, fev. 1989.
- 31 SERPA, Sidónio. Os comportamentos agressivos no desporto : uma introdução ao estudo. **Revista de Educação Física**, v. 4, n. 1, p. 10-13, 1993.
- 32 SILVA, Athayde Ribeiro A. **Psicologia e preparo de atletas**. São Paulo : Guanabara, 1973.
- 33 SINGER, Jerone Leonard. **O controle da agressão e da violência** : fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo : EPA, 1975.
- 34 TAGLIAFERI, Mauro. Punições rigorosas inibem jogo violento, fatores cognitivos e fisiológicos. São Paulo, 18 jul. 1994.
- 35 TARSO, Paulo de. Violência, liberdade e igualdade. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 30 jul. 1989.

36. TREVI II, Os adeptos do futebol e os agentes provocadores da violência.  
**Antologia de textos**, Lisboa, n. 70, p. 3-12, out. 1987.